

Índios viajam ao encontro de suas tradições

Fotos: Sebastião Nogueira

O cacique Hawakaty e 21 índios da Tribo Karajá de Aruanã seguiram ontem para a Ilha do Bananal, onde depois de 20 anos participarão de antigos rituais

Teresa Cristina Costa

Quando o cacique Raul Hawakaty Karajá, da Tribo Karajá de Aruanã, embarcou no ônibus rumo a São Félix do Araguaia ontem à noite, na rodoviária de Goiânia, certamente carregava no peito um misto de emoção e expectativa. Afinal, era uma viagem de reencontro com antigas tradições e ritos de seu povo, até hoje mantidos em Santa Izabel do Morro, uma das grandes aldeias dessa nação que há mais de três séculos habita as margens do Rio Araguaia.

Reduzidos a uma população de aproximadamente 2.500 pessoas, os Karajá têm uma família linguística composta por três subgrupos: os Karajá, no Araguaia, os Javaé, no Rio Javaé, e Xambioá, no baixo Araguaia. As grandes aldeias estão concentradas na Ilha do Bananal, onde rituais como a Festa dos Aruanã e o Hetohoky - que significa "Casa Grande", para a qual eles se dirigem -, acontecem frequentemente.

Há 20 anos os Karajá de Aruanã não viajavam para a ilha e participavam das celebrações na grande aldeia, o que antigamente faziam em canoas. As dificuldades impostas pela convivência com a sociedade branca restringem suas possibilidades de deixar a luta diária pela sobrevivência para se dedicarem com mais assiduidade às suas tradições. Atualmente, eles são 50 pessoas e vivem num território, historicamente invadido pelos loteamentos, de apenas 12 mil metros quadrados.

Já se tornaram índios urbanos e a maioria das crianças não sabe falar ou conhece algumas manifestações secu-



Jandira Dirtyy: alegria de voltar à sua terra e poder levar filhos e netos para conhecer os parentes



Cacique Hawakaty Karajá: emoção e expectativa de novamente vivenciar cerimônias com seu povo



lares entre seu povo. Mas por viverem numa cidade, Aruanã, não significa que queiram perder sua cultura Karajá ou identidade indígena. O professor, pesquisador e antropólogo da Universidade Católica de Goiás Manuel Ferreira Lima Filho, coordenador do projeto Etno-Linguístico Karajá de Aruanã - responsável por esta viagem (veja mais informações nesta página) - deixa bem claro qual é a filosofia do trabalho: "Antes de serem brasileiros eles são Karajá. É nesse contexto que o projeto visa manter a identidade do grupo".

Apesar do contato com os brancos, a Aldeia de Aruanã preserva categorias nativas no seu grupo, tais como a concepção do território, a concepção da morte, a conservação da

O grupo reunido na Casa do Índio, preparando-se para a viagem: diferentes gerações compartilhando a esperança de preservar o que o contato com os brancos quase exterminou

língua entre os mais velhos e a confecção da cerâmica. Conforme Manuel, formam, provavelmente, o único grupo indígena da América que faz bonecas em cerâmica, "trabalho que é exclusivo das mulheres". Eles ainda preservam a alimentação, à base de peixes, a coleta de ovos de tartaruga, a busca de raízes e a plantação em áreas próximas ao rio.

"Esses hábitos e valores são mantidos através do ensinamento dos mais velhos; que já estão morrendo", diz o pesquisador, que ressalta ser esse o motivo da importância das crianças continuarem o contato com a história, a língua e o jeito de viver dos Karajá. "Mesmo eles sendo índios citadinos, a população goiana precisa aprender a respeitar a identidade

grupal deles". Em outras palavras, Manuel faz um apelo à convivência harmoniosa entre as culturas, com seu trabalho.

O fato de os Karajá de Aruanã estarem retomando o contato com expressões que estavam escondidas na lembrança, não quer dizer que voltarão a viver como quando eram os únicos habitantes do Vale do Araguaia. Mas para Manuel, é uma forma que eles têm de manter seus valores e costumes próprios. Por isso, a excursão do cacique Hawakaty Karajá com 21 índios de sua tribo, entre os quais cinco crianças, tem o caráter solene do reencontro com a memória e da certeza de que os mais jovens não se esquecerão do que presenciarem na Ilha do Bananal.

Ritual de iniciação

Um grupo de 22 índios que viajou para a Ilha do Bananal permanecerá lá até depois do carnaval. Vai participar e assistir ao Hetohoky, um grande ritual de iniciação dos meninos na vida adulta. "Depois do Hetohoky, os meninos se tornam rapazes", ensina, orgulhoso, o velho cacique de Santa Izabel do Morro, Maluere Karajá, que devido à doença, não vai assistir a festa este ano.

Mas o grupo Aruanã vai ter uma oportunidade que há pelo menos duas décadas não tinha, graças à colaboração das várias instituições. Em Santa Izabel do Morro, os mais velhos, como o cacique Raul Hawakaty Karajá e Jandira Diryty Karajá, vão reencontrar parentes e amigos. Rever a festa que há tempos não assistiam e reforçar sua identidade indígena.

"Estou achando bom mesmo, tenho saudades de minha terra", confessa a índia Jandira Diryty. Ela não sabe quantos anos tem mas se lembra que saiu da Ilha do Bananal há 26 anos e nunca mais voltou. Agora, vai levar seus filhos e netos para conhecer tios e primos além de exercitar a língua. "Eu me lembro que a gente dança muito e as mulheres usam tangas de cipó", recorda. O filho de Jandira, Jason Tohobare Karajá, de 24 anos, estava ansioso para conhecer a tradição de seu povo. "Sei que é uma festa muito bonita. Vou puxar uma tora de 50 metros junto com eles", conta o rapaz, bem articulado, lembrando que as crianças, inclusive seu filho Beimare, estão crescendo sem saber falar o Karajá.

O Hetohoky é uma festa ritual que acontece para iniciar os garotos entre 12 e 13 anos na vida adulta. As aldeias se reúnem e no jogo os vi-



sitantes tentam derrubar o mastro que depois será guardado pelos meninos em fase de iniciação. "Na festa, eles celebram os mortos, realizam grandes roças e pescarias, reforçam as lidernações, os laços de parentesco e a relação entre as aldeias. Através da lembrança dos mortos começa o processo de amadurecimento dos adolescentes, que permanecem por sete dias participando dos rituais na Casa Grande", descreve o antropólogo Manuel Ferreira Lima Filho.

O pesquisador explica que o ápice da festa será dia 16, com a grande luta no centro da aldeia, que coincide com o nível máximo de subida das águas do Araguaia. Paralelamente ao Hetohoky os Karajá realizam a Festa dos Aruanãs, as danças onde os homens mascarados representam entidades espiri-

tuais simbolizadas, geralmente, por peixes. "É um grande e complexo ritual que ainda aconteceu entre os Karajá, apesar de ser invisível à maioria branca acostumada a ver só o problema da bebida e as mazelas impostas pelo contato", critica.

Para homenagear esse encontro cultural entre os Karajá de Aruanã e os habitantes de Santa Izabel do Morro, os Companheiros das Américas apoiaram a vinda do índio norte-americano James Large, do Grupo Arapahoe, que tem uma grande reserva no Wyoming, visitada por Manuel e por um líder Karajá em 1992. "Acredito que as crianças, sobretudo, vão voltar muito animadas com esse intercâmbio que só está sendo possível graças à sensibilidade e ao apoio de todas as pessoas e instituições envolvidas no projeto", agradece Manuel.

Jason Tohobare, com a mulher e o filho: "Sei que é uma festa muito bonita. Vou puxar uma tora de 50 metros junto com eles"

Manuel Ferreira Lima Filho, antropólogo: desenvolvendo o Projeto Etno-Linguístico Karajá de Aruanã

Resgate da identidade cultural

Depois da criação do Estado do Tocantins, Goiás ficou com poucos grupos indígenas. São apenas três, entre eles os Karajá. E o espaço para que esses grupos possam exercer sua cidadania se tornou importante. Para Manuel Ferreira Lima Filho, a principal forma de viabilizar esse exercício de cidadania para os índios é a educação. Ele explica que o Projeto Etno-Linguístico Karajá de Aruanã vem sendo desenvolvido há aproximadamente um ano por uma equipe multidisciplinar que reúne profissionais de várias instituições, com a colaboração de empresas e órgãos públicos.

Todos têm o objetivo único de cooperar para o reencontro das tradições culturais dos Karajá. "Na realidade, as crianças já não falam mais a língua e o projeto visa o resgate da oralidade entre elas", informa o pes-

quisador. Manuel Ferreira Lima Filho é coordenador do projeto pelo Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia da Universidade Católica de Goiás. A responsabilidade pela execução é dividida entre professores da UCG e a equipe de Etno-Linguística do Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás, integrantes do Grupo Nativa, os próprios índios e a Funai. O apoio é do Banco do Estado de Goiás, Prefeitura de Aruanã, Casa do Índio e Companheiros das Américas.

O projeto prevê o reencontro dos mais jovens com as tradições do grupo e a participação dos mais velhos, com a lembrança dos mitos, músicas e festas. A equipe do Museu Antropológico faz o levantamento linguístico, ou seja, faz a contagem de quantos falam a língua, o que sabem e assim por diante. Todos aguardam a construção de uma escola bilingue dentro da aldeia, para a alfabetização dos índios em Karajá e Português. Conforme Manuel, o projeto da escola já foi autorizado pelo governador mas ainda depende de viabilização administrativa pela Secretaria de Educação. Enquanto a obra não é iniciada, um monitor bilingue, contratado pela Prefeitura de Aruanã, recebe treinamento pedagógico da Funai e do Museu Antropológico.

Os Companheiros das Américas já enviaram 2 mil dólares para material didático e esportivo e o Beg financiou, junto com a Prefeitura de Aruanã e a Funai, essa primeira viagem à Ilha do Bananal. "É interessante que várias instituições estão colaborando", diz Manuel, para quem o trabalho, "tem tudo para dar certo". Também contribuiu a empresa fabricante do Arroz Cristal, doando 1.200 sacas do alimento para ajudar a combater a fome entre os índios.

